



A NAZARETH.

A NAZARETH.

A denominação de Nazareth procede da povoação assim chamada na Palestina, patria da Virgem, e onde Christo viveu na sua primeira idade. Esta invocação foi dada a um templo sumptuoso, no lugar do mesmo nome visinho da villa da Pederneira, e bem conhecido pelas frequentes romarias de todos os povos da Estremadura. Diz-se que a primitiva fundação da egreja é devida a el-rei D. Fernando, sendo depois augmen-

tada pela rainha D. Leonor, mulher de D. João II, e ainda mais por el-rei D. Manuel; certo é que em epochas posteriores se fizeram obras que o tornaram excellente.

Refere a tradição que a imagem da Senhora, objecto de piedoso culto e concorrida romagem, fôra trazida da propria cidade de Nazareth por um monge grego quando n'aquellas partes do oriente se levantou a heresia dos iconoclastas contra o culto das imagens. Sabido é que esta seita, nascida no fim do seculo v, chegou a ser

AGOSTO, 8, 1857.

VOL. I. — 4.ª SERIE.

C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDOS
OLISIPONENSES

poderosa no tempo do imperador Leão Isauro, seculo VIII, e empregou para propagar ás suas opiniões todos os meios violentos do fanatismo. Não pode, pois, em duas épocas tão distantes fixar-se qual fosse a da conducção da Virgem da Nazareth á Hespanha, se é certo o que a crença dos primeiros escriptores nossos transmittiu talvez sem exame. Este ponto, controvertido, como outros muitos, por exemplo, o milagre feito a D. Fuas Roupinho, que todos conhecem pelas estampas e paineis da Nazareth, e a vinda do rei godo, D. Rodrigo, áquelle sitio onde se pretende que fizera penitencia depois de derrotado pelos sarracenos invasores, é questão em que não pretendemos entrar; os curiosos podem consultar, além de outras fontes, a dissertação especial sobre o assumpto pelo chronista Fr. Manuel de Figueiredo.

Do cavalleiro, que foi tambem capitão de armada, diz o nosso Camões nos *Lusiadas* cant. VIII estancia 17:

E Dom Fuas Roupinho, que na terra
E no mar resplandece juntamente
C'ó fogo que accendeu junto da serra
De Abyla nas galés da maura gente;
Olha como em tão justa e santa guerra
De acabar pelejando está contente,
Das mãos dos mouros entra a felice alma
Triumphando nos ceos com justa palma.

VIAJAR... AO MENOS ATÉ CINTRA!

Toda a gente falla com enthusiasmo em viajar; mas fica parada, por mandreice.

Quantos exclamam, soltando profundo suspiro: Se eu podesse ir a Paris!... Podiam, se quizessem, e até muito economicamente; mas se elles nem ao menos vão a Cintra!

Aqui estou eu, e não sou dos que tem descansado mais no solo natal, que ardo em desejos de ver S. Pedro de Roma, e ainda não visitei a Batalha, que está aqui tão perto.

Deixa-se de anno para anno esta excursão, como coisa que se pode fazer logo que se queira; á chegada de cada inverno, diz-se: da primavera que vem não escapa; e vem a tal primavera, e depois o estio, e o formoso outono, e outra vez o carrancudo inverno, e sempre o estribilho: Para o anno, com certeza.

Ver Paris é o sonho de quasi todos os rapazes, que ainda não viajaram. Nem o formoso ceo da Italia, nem as fabulosas galas do oriente, nem as pittorescas margens do Rheno, nem a selvagem natureza da Suissa, attrahem um coração juvenil, como Paris — a cidade das mulheres travessas, dos homens buliçosos, do movimento continuo, da festa permanente!

Não me succedeu a mim o mesmo. Tinha apenas dezeseis annos de idade quando me achei a cento e vinte leguas de Paris, com uma optima estrada diante de mim, e não fui lá. Só quin-

ze annos mais tarde é que visitei, e não de espaço, a seductora capital da França.

Viajar — foi, e é ainda hoje, e creio que será sempre, no meu entender, a suprema felicidade da terra, a unica maneira de viver aqui em baixo, debellando a monotonia.

Que sensação ha ahí comparavel á de avistar um ponto gloriosamente historico, uma terra de que ouvimos contar maravilhas; ver e admirar os usos e costumes de mil povos diversos; divagar por este mundo, que Deus fez para o homem, ora sentado na commoda poltrona do wagon, logo nos macios coxins de uma carruagem de molas, mais adiante nos bancos estofados de uma gondola, ou recostado no beliche de tigeiro barco de vapor, que desenrola todos os primores do conforto. Depois, para variar, correr sobre um veloz cavallo arabe, tão formoso como andador, ou seguir a passo, e mesmo a galope, sobre a corcova de um dromedario; e enfim subir as asperezas dos montes, encostado a um bordão ferrado.

Só quem viaja pode comprehender perfeitamente a omnipotencia do Creador. E diante das vagas espumosas do Oceano em tormenta, ou ante os bosques virgens do Novo Mundo, povoados de arvores gigantes, que se reconhece toda a magestade do poder soberano.

A idéa não é minha, mas tenho mais de uma vez sentido a verdade d'ella, e por isso a proclamo.

O meu primeiro sonho de viajante, ainda na juventude, era ver as pyramides do Egypto, e como appenso, Alexandria com as suas agulhas de Cleopatra, o Cairo com suas recordações de todos os seculos, as areias soltas do esteril deserto, e Suez revendo-se no mar Vermelho. Tudo isso vi, mas um pouco tarde.

O meu segundo desejo era visitar a Alhambra... Está perto, e nunca logrei satisfazer este appetite.

Em terceiro logar estava Napoles, com o seu decantado porto, com o seu monte Vesúvio, com o tumulto de Virgilio; depois o resto da Italia. Constantinopola e o Rheno, e só em ultimo logar Londres e Paris.

Infelizmente, depois de cumprido o primeiro, inverteu-se a ordem na satisfação dos meus desejos.

Talvez que, antes de chegar a este ponto, ja o leitor tenha perguntado, se o homem que escreve estas linhas as data de Ribafolles.

Não, amigo leitor, ainda não dei entrada no asylo da loucura; porém talvez isso seja uma injustiça, das muitas que se vêem n'esta terra. Entretanto, vou-te explicar como nasceu este artigo.

Fui ha dias a Cintra; estava um tempo delicioso! Passei tão agradavelmente, na companhia de alguns amigos, que estranhei o pouco concorrido que se acha aquelle *Eden terrestre* (segundo lord Byron).

E fiz estas reflexões:

Pois uma visita ao palacio acastellado, a essa corporificação de um conto das *Mil e uma noites*; pois um passeio á sombra de copado arvoredado e ao lado de mimosas e aromaticas flores na quinta do marquez de Vianna; pois um delicado jantar no Victor com o espumoso Champagne e o refrigerante Collares; pois, emfim, ver, do penedo da Saudade, mergulhar-se o sol no distante horisonte. . . não é tudo isto lindo, encantador; pois não se passa assim melhor um dia, do que fazendo visitas de cerimonia em Lisboa, passeiando no jardim da Estrella, jantando em casa, ou mesmo no Matta, e vendo do Terreiro do Paço o ocaso do sol?

Que o Tejo é bonito não tem duvida; mas de Cintra vê-se uma nesga do aureo rio, e além d'isso a magestade do Oceano.

E afora o Tejo, que ha mais a ver de Lisboa?

Aqui está pois o motivo porque escrevi este artigo; foi para convidar os leitores a visitarem Cintra, sempre que possam; a fugirem d'estas ruas, onde impera o pó do mac-adam e a lama, para aquelle *throno de vicejante primavera!*

Oh Cintra! Oh saudosissimo retiro,
Onde se esquecem magoas!

Quem descansado á fresca sombra tua,
Sonhou senão venturas?

Se estivesse feito o caminho de ferro para Cintra! Se ao menos tivessemos esperanças de que elle progredisse brevemente! . . . Mas qual historia!

Caminhem, pois, carissimos leitores, pela estrada de Bemfica, que não é feia; já se gosa um bello fresco no alto da Porcalhota, e ainda mais no Cacem, aonde lhes aconselho que almocem. Do Ramalhão em diante não encontraes senão bellezas, naturaes e artificiaes, até que, do alto da serra de Cintra, gosareis o mais formoso panorama do universo.

É necessario, porém, abandonar a proverbial indolencia nacional; não ficar na cama até ao meio dia; sair cedo e passear muito.

Nada de demorar na villa, depois de visto o palacio real e contemplada a bonita fonte da praça e o vetusto pelourinho. Não ha mais ahí que cheirar, senão a cosinha do Victor ou da Durand.

Mas lá vos espera em cima, além do fabuloso palacio e mosteiro da Pena, o castello moirisco com sua cisterna, antiquissima e bem conservada, n'aquella fabulosa altura; o convento de Santa Cruz, talhado na rocha, e forrado interiormente de rugosa cortiça; a Peninha, outro mosteirinho erguido sobre penedias, porém cercado de abundantes pastagens; Penhalonga, santuario profanado pelos modernos vandalos; Santa Eufemia, lugar de romaria e devoção; o antigo convento do Carmo, hoje pertencente á casa de Lavradio; o palacio e quinta

do duque de Saldanha; S. Pedro de Pena-ferim e Santa Maria.

Volvendo á planicie e encaminhando para o bucolico local de Collares, saudareis á esquerda a fonte dos Pisões, e a formosa quinta da Regaleira; á direita as casas de Monte Christo, e de Roma; o campo de Sitiaes, com o palacio dos Marialvas e o Penedo da Saudade; as ruínas de Monserrate, que vão tornar-se em um palacio de cristal e n'uma quinta-modelo, sob a poderosa vontade do oiro inglez; Penha Verde, com suas recordações de D. João de Castro; a melancolica rua dos Amores na quinta dos marquezes de Pombal, e tantos outros logares aprasiaveis, matisados de palacios e outras graciosas habitações, até chegardes ao mais suave logar de Portugal — a varzea de Collares!

Que bello é passar um dia, ora vogando em pequeno batel pela mansa corrente do rio das Maças, ora esparecendo a vista por essa grandiosa vegetação, sempre acompanhada de abundante agua que se despenha em grossos jorros, e que por todos os lados se encontra.

Alongae-vos na direcção de Almoçageme; ide contemplar o horrivel Fôjo, e a Pedra de Alvidrar inclinada sobre o abysmo das aguas, que vem quebrar-se com furia a seus pés, na poetica praia das Maças.

De volta ao hotel aconselho-vos um copo d'agua da fonte da Sabuga, ainda que não é natural terdes necessidade de aguçar o appetite, depois de qualquer passeio por estes sitios encantadores, frescos e sadios.

Por Deus. . . quem pode, não se deixe ficar em Lisboa nos dias de calor abafadiço, que ameaça de asfixiar um pobre cidadão; caminhem, ao menos, até Cintra, e quando puderem irão mais longe.

Não se deixem ficar á espera do caminho de ferro entre Lisboa e Madrid, se tencionam viajar; elle hade fazer-se algum dia, é certo; mas não sabemos quando estará prompto.

Os paquetes dão bom commodo para Cadiz, para Marselha, para Genova, ou para Southampton, e de lá vae-se facilmente a Londres, a Paris, a Bruxellas, a Amsterdam, a Berlin, a Vienna, a S. Petersburg!

Se preferis a estrada aquatica do Mediterraneo, um solido vapor vos levará commodamente, ou á Hespanha, ou ao meio dia da França, ou á Italia, ou á Grecia, ou á Turquia, ou ao Egypto.

Quem não viu Sevilha, não viu maravilha, dizem os hespanhoes.

A Italia é o jardim da Europa, e Florença o jardim da Italia, dizem os toscanos.

Quem não viu o Egypto não viu a maior raridade do mundo, diz o autor das *Mil e uma noites*.

A Provença é o paraizo da França.

A Grecia é o paiz da mythologia, a patria de Homero.

Stambul é a cidade dos contos arabes.

Merece a pena ter algum incommodo para ver parte das maravilhas que Deus espalhou sobre a terra, e para admirar as soberbas obras do homem. . .

Mas se vós nem a Cintra ides!

Então, adeus, leitor.

Lisboa, 10 de Julho, 1857.

F. M. BORDALO.

AS MONTANHAS E OS INSECTOS.

As montanhas são muitas vezes as raias entre os insectos d'um mesmo paiz. Por exemplo, Mendoza, situada ao pé dos Andes, não tem quasi nenhuma especie de insectos communs em Santiago, no Chili, que é collocada sob o mesmo paralelo, e não está a cincoenta leguas de distancia em linha recta. Por um facto ainda mais singular, a forma entomologica não é a mesma nos dois lados do canal de Tende, na cadeia dos Alpes. As correntes d'agua, ao contrario, mesmo as mais largas, não são obstaculo a propagação dos insectos, e encontram-se frequentemente as mesmas especies sobre ambas as margens.

BARRA E PORTO D'AVEIRO.

Uma extensa lagoa, limitada pelo lado norte por uma ribeira, na foz da qual está Ovar, forma o porto d'Aveiro; ficando ao sul a nova barra que d'Ovar dista 16 milhas; ao nascente uma restinga de areia de tres quartos de milha de largura; ao sueste o rio Vagos; e ao nascente os terrenos baixos ao norte do Vouga. Naquella lagoa ha muitas ilhas pantanosas, onde se colhe o sal, que é a exportação mais importante do districto.

O rio Vouga, que tem o seu curso afastado 6 milhas d'Aveiro com a nascente a 50 milhas de distancia, vem desaguar n'esta lagoa, e assim tambem o Couto, Agueda, Vagos, e outros ribeiros. Da junção de todos estes ribeiros na lagoa resulta, conjuntamente com as aguas das marés, ser o porto tão abundante de agua, que navios mercantes de alto bordo, e até vasos de guerra da classe media, ali poderiam entrar.

A restinga que se forma sobre o Atlantico, pela accumulção de areias, difficulta a entrada e saída d'estas aguas para o mar.

Havendo actualmente duas barras, uma ao noroeste e outra ao sudoeste, podem ter, quando muito, nas marés vivas, a profundidade de 2,20 a 3,95 metros; profundidade que, nas marés do equinocio, regula por 3,5 a 4,0 metros, e nas ordinarias, por 2,5 a 3,0. Nas mortas, orça por 1,76. Advirta-se que a variação dos ventos muda este cálculo; e influe sobre todos muito mais n'este porto o de oeste, que favorece a enchente das marés, e o de leste que coadjuva a vasante.

Ha calculos de que o canal (deixando a parte

a variedade da sua profundidade) mede 1,76 metros de agua até 8,80. Desde Aveiro até a lagoa tem, no baixamar, a sobredita profundidade de 1,76 metros, sendo a sua largura media de 117 pés, o que vem a ser 36 metros: nas marés ordinarias, porém, sobe um metro. As marés mortas são de 0,66 metros. Na epoca das cheias eleva-se a agua nos canaes 0,60 metros acima do nivel ordinario.

Tem variado os projectos para o melhoramento d'esta barra, a ponto tal que hoje nada ha definitivamente assentado, segundo nos consta. É antigo o empenho em melhora-la, porque já em 1758 trabalharam n'este sentido distinctos engenheiros, como foram Francisco Jacinto Polchet, Francisco Xavier do Rego, Manuel Gonçalves de Miranda, e João de Sousa Ribeiro. Em 1777 occuparam-se do mesmo objecto o coronel Guilherme Elsdén, o capitão Isidoro Paulo Pereira, e Manuel de Sousa Ramos: João Isepi teve a mesma empresa, desde 1780 até 1783: o general Guilherme, e Luiz Antonio Vallexe em 1788. Estevão Cabral encarregou-se d'este estudo em 1791. Luiz Gomes de Carvalho, e o coronel Oudinot chegaram a executar trabalhos n'esta barra, em 1802, e parecem hoje os mais apropriados. Finalmente, o director das Obras Publicas no referido districto de Aveiro, Agostinho Lopes Pereira Nunes, infelizmente fallecido hoje, occupou-se com tanto esmero no estudo d'esta barra, que o engenheiro inglez sir John Rennie, n'uma pequenina memoria sobre este porto, o cita com elogio.

É realmente o merece este nosso engenheiro, quando vemos aproveitados n'essa mesma memoria os estudos d'este nosso finado compatriota, e o distincto engenheiro inglez que acabamos de citar nos apresenta nos seus apontados meios para o melhoramento da barra de Aveiro os projectados planos da antiga planta que ali existia, e que Nunes procurava desinvolver com aquelle aperfeiçoamento que a engenharia hydraulica exige actualmente, pelo maximo desinvolvimento a que chegou em os nossos dias.

Estes propostos meios de melhoramento consistem em augmentar o receptaculo das aguas salgadas e doces; na construcção de novas pontes que vençam a largura do canal; no alinhamento do sobredito canal, chamando o centro das aguas a um ponto fronteiro á barra; e, finalmente, na continuacção do actual dique até ao baixamar, com a construcção de outro do lado norte.

Para evitar o movimento das areias, apresentam alguns engenheiros o pensamento de se plantarem pinheiros na restinga que separa a lagoa e o mar.

O melhor meio de prevenir e embotar a inveja, é declarar abertamente e provar pelo nosso procedimento que somos mais zelosos em merecer uma grande reputação do que em alcançal-a.

— Bacon.



PESCADORES TARTAROS.

Em 1855, uma expedição franceza percorreu as costas da Coreia e o mar do Japão, e visitou certas paragens ainda não exploradas desde os 44 graus de latitude norte até a uma bahia magnifica, á qual deram o nome do imperador. Reconheceram hydrographicamente as costas orientaes da Tartaria, e impozeram nomes francezes a varias terras. A expedição denominou archipelago Eugenia (em obsequio á imperatriz dos francezes) a um grupo de ilhas penhascosas na citada costa oriental, cujos habitantes, tartaros, e exercendo pela maior parte a profissão de pescadores, representa a nossa estampa.

Martim de Freitas o castello de Coimbra, não quiz entregar as chaves da cidade, sem que mui certo se convencesse de que seu amo era morto. Permittiram-lhe que fosse a Toledo, onde fallecera o rei; é lá, na sepultura, que mandou abrir, de D. Sancho, depositou as chaves da cidade. Um tal vassallo justifica o mal que pode suppôr do soberano. D. Sancho tinha voltado a Toledo depois do mal succedido auxilio que lhe prestara seu amigo D. Fernando. Ali falleceu no *primeiro* mez do anno de 1248, cujo numero se forma do *primeiro* algarismo um, duplicando successivamente.

O *primeiro* que se intitulou rei do Algarve, foi o *primeiro* Affonso que se seguiu ao *primeiro* par d'elles. Celebrou côrtes em Leiria, e mais tarde em Santarem; aqui, para examinar e emendar os aggrávos do clero, pelo que foi ameaçado pelo papa. No reinado do mesmo soberano, *primeiro* que deixou a seus descendentes o reino inteiro, ausentou-se d'este o arcebispo de Braga, pondo-lhe interdicto por causa das contribuições que D. Affonso exigia dos prelados e cleresia.

D. Deniz, successor d'este Affonso, fundou em Lisboa a *primeira* universidade do reino. Indo passar alguns dias a Santaremahi enfermou, e falleceu aos 7 de Janeiro de 1325; isto é, no fim da *primeira* semana do *primeiro* mez, com-

COINCIDENCIAS N. TAVEIS DOS NOVE ALGARISMOS COM A HISTORIA DE PORTUGAL, EM QUANTO DOMINOU N'ESTE REINO A LINHA AFFONSINA DE SEUS MONARCHAS: PEQUENO TRIBUTO DEDICADO AO ILL.^{mo} SR. J. DA C. GASCARS, EM TESTEMUNHO DE CONSIDERAÇÃO, POR SEU AMIGO

M. DALHUNTY.

Continuação.

Um grande homem se distinguio como general, no reinado de D. Sancho II (foi Payo Corrêa); outro, se distinguio pela sua lealdade depois da morte do mesmo soberano. Defendendo

pletando o *primeiro* quarteirão d'annos do seculo que succedeu ao *primeiro* cento, depois da *primeira* duzia de seculos. Tinha de idade 64 annos, numero cujos algarismos sommam *uma* dezena, ou *dez*, *primeira* syllaba do seu nome, juntando-lhe *uma* letra da segunda.

A D. Diniz seguiu-se mais um Affonso; e depois, D. Pedro *primeiro*, que falleceu no *primeiro* mez do anno, tendo passado d'elle *uma* semana e mais *um* dia. Se vivesse mais *um* par d'annos teria d'idade meio seculo, e a data da sua morte seria 1369.

Um valido. João Fernandes de Andeiro, que o foi de D. Leonor Telles, mulher de D. Fernando, successor de D. Pedro *primeiro*, obteve por ella o condado de Ourem, tendo fallecido o irmão da mesma. Foi este Andeiro, que tendo voltado de Inglaterra, quando era já fallecido D. Henrique de Castella, informou o rei das pretensões do duque de Lancastre á corôa d'aquelle reino. Por amor d'este valido tramou D. Leonor a morte do Mestre de Aviz irmão de el-rei; e a de Gonçalo Vasques de Azevedo. Mas falhou este plano e foi o Mestre, quem mais tarde, persuadido por Alvaro Paes, matou por sua propria mão o conde de Ourem, para evitar a união de Portugal com a Hespanha. D. Fernando *primeiro*, quando falleceu, já antes, isto mesmo quizera ter pedido ao Mestre de Aviz.

Um conselho do chanceller dos dois ultimos monarchas. Alvaro Paes, que fôra chanceller de D. Pedro *primeiro* e de D. Fernando, deu de conselho ao regente, Mestre d'Aviz — Dae o que não é vosso, e promettei o que não tendes!

Uma imitação de Martim de Freitas. Gonçalo Telles, irmão de D. Leonor Telles, tambem alcaide de Coimbra, negou a entrada da cidade a D. João de Castella; e, resistindo aos rogos da irmã, disse: que, quando algum rei de Portugal lhe pedisse as chaves da cidade, elle as entregaria. Foi este um dito, que Leonor Telles aproveitou, para armar uma conjuração contra o rei castelhano, com quem tinha chegado a indispor-se.

Um dito de D. João primeiro. De todos os divertimentos, a conversação é o que custa menos.

O *primeiro* capitão que D. João *primeiro* nomeou para governar Ceuta, foi D. Pedro de Menezes, conde de Alcoutim.

Um conselheiro. D. Duarte, na quebra que tiveram suas rendas com as desgraças d'Africa, foi aconselhado pelo chanceller João das Regras, a publicar, que passariam as doações feitas por seu pae, na falta de filho varão, do donatario para a corôa. Mas o proprio João das Regras, sendo o *primeiro* que se achava incurso n'esta sua sentença, por ter sómente *uma* filha, viu-se obrigado a pedir dispensa da lei, e obteve-a da generosidade do monarcha.

Um duque de Bragança. Por morte de D. Gonçalo, senhor de Bragança, deu o regente D. Pedro aquelle senhorio a seu irmão (conde de

Barcellos, filho natural de D. João *primeiro*), com o qual se tinha reconciliado depois do ajustamento de Guimarães, onde depoz as armas por intervenção do conde de Ourem, filho do de Barcellos. Este donativo não os tornou mais amigos, porque pretendia o conde de Ourem o cargo de condestavel que D. Pedro obtivera para seu proprio filho. Assim o novo duque de Bragança, aconselhado do arcebispo de Lisboa, e do conde de Ourem, resolveu aproveitar a *primeira* occasião, para conseguir a queda do regente.

Uma viagem á França. O ultimo Affonso de Portugal, rompendo guerra com a Hespanha, para sustentar os direitos da princeza D. Joanna á corôa d'aquelle reino (tinha-lhe sido proposto casar com ella), perde a batalha de Toro, e resolve-se ir a França pedir auxilio a Luiz xi, no qual não encontrou senão boas promessas e falta de palavra. Sentiu tanto D. Affonso, que Luiz xi tivesse feito pazes com Fernando e Isabel de Hespanha, que resolveu ir-se a Jerusalem, a viver na solidão o resto de seus dias. Mas soube dissuadil-o d'isto o mesmo Luiz, e fazer que voltasse para Portugal, não obstante ter já ordenado por cartas a seu filho que celebrasse sua aclamação.

O *primeiro* rei que juntou livraria no paço foi D. Affonso v; e a *primeira* fortaleza que os portuguezes tiveram na Costa de Guiné foi o castello de S. Jorge de Mina, mandado construir por D. João ii.

Um marinheiro esquartejado em Evora. Assim mandou D. João ii castigar *um* de dois que se passavam á Hespanha, a dar alvitres sobre as coizas de Guiné, d'onde a este reino veiu em 1486 a *primeira* pimenta que n'elle se gosou d'aquella costa. E dizendo-se-lhe que murmurava muito sobre isto a gente do mar, respondeu: Ainda bem; attenha-se cada *um* ao seu modo de vida, que não gosto de marinheiros que viajam por terra. Por estes tempos exagerava-se muito o risco dos mares lá d'aquella costa, afim de affugentar d'elles, como se diz, os navegadores d'outras nações.

Um papagaio. Tendo os francezes de restituir uma caravela que haviam tomado no tempo de D. João ii, porque n'ella faltava sómente um papagaio, não quiz o rei que se soltassem os navios d'aquella nação que se achavam arrestados em Lisboa; quero que se entenda, disse, que a bandeira portugueza defende e protege até um papagaio!

Este soberano de Portugal foi o *primeiro* que juntou aos seus titulos o de senhor de Guiné, terra d'onde recebia muito cabedal; e como era muito entendido no commercio, mudou de residencia conforme o pediam as circunstancias, fazendo que por onde estivera ficasse sempre lembrança d'elle. Setubal deve-lhe os seus aqueductos, e commercio floreseente.

Uma commissão a dois, em 1487. A Pedro da Covilhã, e Affonso de Payva deu D. João ii o encargo de irem por terra á India, e escreve-

rem sobre materias de commercio, e sobre tudo quanto descobrissem ou quanto podessem colher de informações uteis. Negou comtudo a Colombo os soccorros que lhe pedia para descobrimento de novas terras, no occidente.

Um piloto chorado. Chorou D. Manuel por um piloto do seu reino, e dizendo-lhe um cortezão que sua alteza o não havia de resuscitar com aquelle encerramento (tres dias esteve retirado), disse: tendes razão, e porque a sua perda se não pode reparar, é que eu me afflijo tanto.

Continua.

O KIAFAT.

Os arabes dos desertos africanos chamam assim á arte de conhecer pelos vestigios sobre a areia os homens e os animaes que tem passado, e de adivinhar, á primeira vista, a que raça, ou a que tribu pertencem.

GUIA DE CASADOS.

(EXCERPTO DE D. FRANCISCO MANUEL.)

«Tinha hum homem principal sua filha donzella doente, guardava-a muito. Havia quem lhe quizesse bem. Escrevia-lhe; revolviam-se o papel, e sobre elle se armava hum ramallete. Vinha hum ermitoa, fallava ao pae, dava-lhe aquelle ramo da parte de tal Santo; levava-lho elle mesmo com grande gosto, e era o proprio corretor de sua filha, servindo-lhe por sua mão a peçonha dissimulada n'aquelle ramallete. Quem tal havia de cuidar? Quanto por este (e por muitos) bem se podia dizer o que diz o Romance: El aspid anda en las flores, alerta, alerta zagales: Tomado d'aquelle verso virgiliano, que diz, que entre as ervas mimosas latia o aspide peçonhento.

«Costumão alguns homens de grande sorte introduzir suas mulheres em suas pretensões, apprehendendo, que muitos, e grandes negocios se acabarão já por ellas. Poucos são os casos, a meu juizo, em que me pareça licito ficar um homem passeando, e mandar a sua mulher que vá fallar, e requerer por elle. A prisão do marido, a honra da sua casa, do seu officio, do seu titulo, a vinda do marido ausente, e risco de morte do filho: estas são, e não outras, as cousas que farão licita esta diligencia, sempre perigosa, e não sempre proveitosa.»

EXEMPLO PARA OS SOGROS.

«Trarei para exemplo de bons sogros, o que succedeu quasi entre nós, e quasi em nossos tempos. E foi, que havendo um homem rico casado com uma sua filha com um fidalgo honrado, e querendo casar outra com outro, em nada maior, que o primeiro; este segundo não

« quiz fazer o casamento, sem que lhe desse em « dote mais dez mil cruzados, do que ao outro « havia dado; e como o sogro dissesse, que te- « ria grande razão de queixa o primeiro genro. « dando elle mais ao segundo, e lhe não valesse « essa razão para effectuar o ultimo casamento. « houve em fim de convir n'elle, e effectual-o. « com tal galantaria e primor, que no mesmo « dia, em que assignou as escripturas para o se- « gundo genro, mandou outros dez mil cruzados « ao primeiro, dizendo-lhe, que não queria que « houvesse alguém, que cuidasse o estimava a « elle menos.»

Apresentamos este exemplo que D. Francisco Manuel nos cita nas suas obras, para se conhecer que entre gente briosa e portugueza vale mais a justiça do que o dinheiro.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXXXIV.

Do que aconteceu ao outro dia pela manhã.

Quando foi ao outro dia pela manhã podiam estar como dois mil portuguezes, porque os francezes estavam da banda do levante, e do ponente ficaram os portuguezes, e em amanhecendo tendo as espias do campo do marquez visto que não havia gente onde estavam os francezes. Viram os portuguezes em amanhecendo irem soldados com uma ponta de lua por cima, e olhando viram homens de cavallo, dizendo: *Senhores, acolhei-vos e vos determinai porque aquella gente, que vem já por cima, são castelhanos, que vos vem cercando para vos tomarem no meio, porque o Conde Manuel da Silva com todos os francezes e inglezes se acotheu de noite, e os que souberam de sua fugida se foram depois; e aqui podem estar dois mil homens que é temeridade aguardar a força deste campo, que são ao menos 16 ou 17 mil homens, porque tambem lhes é morta alguma gente, que faço serem mil homens.* Quando os portuguezes ouviram isto o conselho havia ser breve, uns diziam que morressem todos; outros diziam que era desatino, e desordem; outros diziam que se o marquez havia pôr tudo a ferro e a fogo como se suspeitava pelo que lhe tinham feito contra sua magestade, se lhe tinham morto muita gente na Casa da Salga, e lhe tinham feito outros muitos aggravos, que vendessem logo as vidas bem vendidas. Estando os mais neste parecer, e estando já ahi muitas mulheres e filhos, que vinham contra a maldade do conde, e chamarem seus maridos, e outros seus filhos; achou-se ahi um padre da Trindade pregador: estava ferido e mal ferido, que nas ancas de um cavallo veio, e lhes dice muito alto de cima do cavallo, que da parte de Deus

lhes requeria, que não aguardassem mais, que estavam quasi cercados, e que o marquez era christão e el-rei Philippe muito catholico, que havia dar perdão a toda a ilha, porque isso era ordem e estilo entre reis christãos, e outras palavras bem compostas. E em o ouvindo os mais, se foi logo a gente de cavallo, alguma que ahi estava, deante, rompendo por deante do arraial, e lua que vinha por cima, e ali houve morte de gente de parte a parte. Foram todos passando, mulheres e meninos, a custa das vidas de muitos que ali acabavam; e assim se foram retirando, que a força era grande, e como havia muitas paredes e a gente de cavallo as não podia saltar, se pozeram muitos a pé, e largaram os cavallos com os freios nas bocas, e sellados, e assim andavam a correr sem gente em cima, e a gente se foi retirando cada uma para sua casa, e delles morriam nos caminhos por virem muito feridos, e com maginações de desgostos.

LXXXV.

De como veio o marquez de Santa Cruz para a cidade, caminhando deante dos soldados.

Quando o marquez de Santa Cruz se viu senhor da terra sem impedimento algum, e a gente retirada, se veio caminhando para a cidade deante dos soldados, a qual cidade e ilha estava prospera e rica, porque nella nunca houve saque, antes a gente não tinha escondido nada, porque todos os que escondiam os tinham por traidores, e lhes tomavam os fatos, e tudo o que escondiam, e destes houve muitos que depois o pagaram. O marquez deu tres dias de saque. Os inglezes e francezes se foram para onde se chama a Agualva, que e freguezia de Nossa Senhora de Guadalupe, onde ha ribeira de agua, e moinhos, e mato, e gado de toda a sorte; nenhuma cousa lhe faltava. Manuel da Silva pudera muito bem ir com elles, mas houvera de pagar: não buscava outro remedio senão para fugir, e se foi, depois que se viu sem remedio de lhe ir a caravela aonde se chamam os Biscutos dos Altares, ao porto da Cruz, porque havia ali dois ou tres bateis, para tomar um e se acolher nelle para a ilha Graciosa. E como a terra, homens, e meninos, e mulheres, estavam contra elle, se foram as mulheres aos bateis com pedras e martellos e os quebraram, de sorte que não aproveitavam para botarem ao mar. Quando elle chegou com dois homens do mar e dois outros creados seus, os achou quebrados, e se retirou aos matos, a se esconder, que poucos dias se passou que não fosse preso como ao deante se dirá. O marquez de Santa Cruz se veio logo metter na cidade, e poz guardas nos conventos das religiosas freiras, nos quaes estava recolhida muita gente, e escravos, e fazenda dos que a poderam recolher; e assim poz guardas nas egrejas e mosteiros de religiosos. Os soldados vieram logo apoz elle, saqueando tudo, por onde achavam, gados de toda a sorte, escravos, e cativando homens e mulheres para lhes darem resgate, O marquez se aposen-

tou logo em as casas de D. Violanta da Silva, filha de João da Silva do Canto. Os soldados, entrando pela cidade, (viviam na entrada quatro ou cinco ferreiros) e d'ali tomaram os malthos, e com elles quebraram as portas das casas da cidade, porque me puz eu no castello della e via a matizada que ia. Os homens os mais delles ficaram como pasmados e desacordados de tudo, que nem lhes lembrava fazendas, nem mulheres, nem filhos; muitos se foram para a banda do norte. Os soldados, quando vinham, não deixavam de matar pelos caminhos alguns doudos desassisados: não intendendo o que era não fugiam, nem os soldados os conheciam por doudos, e os matavam a todos. Não deixou de haver muitas desordens nos soldados da armada, porque sem ordem foram logo pelos mattos a buscar gente, gado, escravos, e alguns chegaram onde estava gente juncta, e não tornaram. E tomaram ainda na cidade muita gente, porque houve um engano, que veio um capitão por nome Miguel da Cunha, por lhe dizerem que estavam ainda pelejando, e viu a gente ir-se uma para uma parte, e outra para outra, sem elle ter ainda sabido da fugida de Manuel da Silva, nem dos francezes; e estava com a sua gente ao valle de Estevam Ferreira; vinha dizendo pela cidade *Victoria, Victoria*, em que se enganou muita gente, e se foram a repicar os sinos da Sé, e o marquez já vinha atraz, e cuidaram alguns portuguezes, que estavam pelo serviço de sua magestade, que repicavam pelo marquez; e alguns homens tomaram na cidade que mataram. O saque foi grande, e a ilha foi, parte della, virada em dez dias, e depois dos dez dias sempre durou o saque em quanto o marquez esteve na cidade, porque depois foi peor, porque os soldados por não serem descubertos, porque os castigava o marquez rigorosamente por tomarem depois dos dez dias, matavam a gente depois de saqueados do que levavam, e deshonoraram muitas mulheres pelos mattos, e algumas se acharam mortas por não quererem, e muitos homens enforcados e mortos, e os francezes que achavam espalhados por fora não lhes davam mais vida; e os que vieram feridos da batalha, se se estavam curando ou pelos hospitaes, todos foram acabados. A cidade ardia, e o fedor das rezes mortas e dos porcos era grande, e as moscas eram tantas que neste tempo queriam comer a gente viva. Pelas ruas estavam homens mortos despídos. As mulheres não sabiam parte dos maridos, nem os maridos das mulheres, nem dos filhos, nem os filhos dos paes nem das mãis. Os homens lhes davam tormentos e tratos pelas partes vergonhosas, para descobrirem suas fazendas e dinheiro, e houve muitos resgates pelas pessoas pelas não matarem, e alguns mataram e enterraram em suas casas e quintaes, como tambem fizeram a Diogo Dias, que se botou com seu cavallo no campo do marquez. Muitos homens nem vivos nem mortos appareceram té o dia de hoje. Continua.